



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da força de trabalho**

## **O TRABALHO UBERIZADO COMO PARTE DO PROCESSO DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO EM TEMPOS DE OFENSIVA RESTAURADORA DO CAPITAL**

**JOELCIO JACKSON LIMA SILVA <sup>1</sup>**

### **RESUMO:**

O ensaio tem o objetivo de descrever de forma sintética os processos de uberização do trabalho, como parte de um processo amplo de precarização, que tem um padrão de precariedade particular capitaneado por uma ofensiva restauradora do capital. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e sua síntese, apresentando também outros elementos que conformam o processo de precarização do trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho uberizado; Precarização do trabalho; Tecnologias da Informação e Comunicação.

### **ABSTRACT:**

The essay aims to describe succinctly the processes of the uberization of work, as part of a broader process of labor precarization, which has a particular pattern of precariousness driven by a restorative offensive of capital. A bibliographic research was conducted and synthesized, also presenting other elements that shape the process of labor precarization.

**Keywords:** Uberized labor; Labor precarization; Information and Communication Technologies.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Por entender que o trabalho uberizado faz parte de um processo mais amplo de precarização do trabalho, recorreu-se à contribuição de Barros (2019), por sua relevante análise da precarização a partir de uma perspectiva radical crítica marxiana, diferindo da maioria das análises sobre o tema, que comumente partem de elementos conjunturais e compreendem a precarização a partir da generalização do crescimento de formas precárias de trabalho por todo o mundo. O autor ressalta que a “precariedade”<sup>1</sup> do trabalho é uma característica intrínseca ao processo de transformação do trabalho em mercadoria e, junto à acumulação ampliada do capital, é um traço inerente ao modo de produção capitalista.

Conforme Barros (2019), o capital se nutre de trabalho vivo, mas não tem nenhuma identidade com as necessidades humanas. Essa contradição não é uma novidade, pois faz parte do cerne da contradição capitalista (o aumento da produção de riqueza social em contraponto à generalização do pauperismo), mas é conforme esta contradição que se acirraram as demais contradições em um contexto histórico a partir do final do século XX, onde foi estabelecido um padrão de precariedade com novos elementos qualitativos, processo sócio-histórico e político-econômico ao qual nos referimos ao falar sobre o processo de precarização do trabalho.

Para Mota e Tavares (2016), a contemporaneidade é marcada pela restrição do horizonte de expansão do capitalismo, a partir de sua crise de acumulação e expansão marcada pela hipertrofia do capital financeiro. Diante desta crise, são ampliados e diversificados os meios de exploração do trabalho e, em paralelo, há uma barbarização da vida social. Esse conjunto faz parte de uma ofensiva restauradora do capital, que ocorre por meio de iniciativas de uma unidade orgânica entre mecanismos econômicos e de domínio político-ideológico.

Como parte desta ofensiva restauradora, que tem a finalidade de recuperar as taxas de acumulação e acelerar a velocidade do ciclo de valorização do capital, iniciou-se a partir das décadas de 1980-1990 um processo de introdução de um maquinário informacional-digital, o que vem provocando mudanças nas estruturas e nos processos produtivos. Em contraponto, aproveita-se o índice de desemprego e o terror que isso gera para a classe trabalhadora para pressionar trabalhadores/as a se colocarem completamente à disposição das empresas-plataformas e suas precárias condições de trabalho.

O nível de apropriação do sobretrabalho que ocorre por meio desse trabalho uberizado é tão lucrativo que as empresas-plataformas desenvolveram um potencial monopolista e de

---

<sup>1</sup> Condição própria do trabalho assalariado e indissociável da lógica capitalista (Barros, 2019).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

concentração de riqueza no conjunto da economia global. Junto a isso, além da própria fragmentação do processo produtivo, que em si já carrega um potencial desarticulador da classe trabalhadora, a política neoliberal e a ideologia do empreendedorismo também incidem fortemente sobre esse processo de subsunção real da vida social ao capital. Porém, a luta de classes e a resistência são elementos da contradição em movimento que sempre se fazem presentes na sociedade capitalista.

Este ensaio tem o objetivo de descrever de forma sintética esses processos que vêm ocorrendo na contemporaneidade. Para isso, organizou metodologicamente a exposição da discussão em três itens: 1) relacionando o processo de precarização do trabalho com o desenvolvimento e generalização das tecnologias da informação e comunicação; 2) falando sobre o trabalho uberizado e a relação com as plataformas digitais; e 3) refletindo sobre o empreendedorismo, a mistificação do trabalho e as particularidades da classe trabalhadora em meio a ofensiva restauradora do capital.

## **1. O processo de precarização do trabalho e o mundo informacional-digital**

O esgotamento do padrão de desenvolvimento capitalista fordista-keynesiano, evidenciado pela queda da taxa média de lucro, esgotamento do padrão de acumulação fordista/taylorista de produção, hipertrofia da esfera financeira, maior concentração de capitais, crise do Estado de bem-estar social e aumento das privatizações, marcou um cenário de crise do capital e impulsionou, a partir da década de 1970, um conjunto de transformações intensas e de dimensões globais com a finalidade de recuperar as taxas de acumulação e acelerar a velocidade do ciclo de valorização do capital (Barros, 2019).

Na contemporaneidade, adota-se um modelo econômico flexível para o capital e um modelo político-ideológico neoliberal que serve de cimento do bloco histórico de dominação-exploração, tendo o processo de precarização do trabalho como fundamental para atender às necessidades do projeto restaurador do capital.

Outro ponto constitutivo dessa ofensiva aos/as trabalhadores/as é a desterritorialização produtiva (Harvey, 2014; Barros, 2019), que está mais relacionada à mundialização do capital sob um direcionamento imperialista. A produção é descentralizada em contraponto à crescente concentração e centralização de capital em sua dinâmica monopolista. Ao falar de imperialismo, também se refere à relação entre os países e à capacidade de obter vantagens econômicas a



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

partir da exploração de povos (*outros/as*), territórios e seus recursos, também assegurando mercados para os complexos industriais dos países imperialistas. A exploração desses/as *outros/as* pressupõe um processo de racialização e o estabelecimento de alteridades, que forjam materialmente e subjetivamente “lugares naturais” proporcionando a “compra da força de trabalho”<sup>2</sup> por preços extremamente baixos<sup>3</sup>, também estabelecendo uma segregação entre trabalhadores em contexto nacional e em diferentes planos nacionais (Lenin, 2011).

Ainda sobre a desterritorialização, evidencia-se que o Estado, sobretudo o Estado dependente, se comporta como comitê executivo da burguesia monopolista-imperialista, garantindo a existência de uma força de trabalho disciplinada, barata e submetida a regras flexíveis. Em um movimento dialético, esse processo pressiona para a intensificação da precarização do trabalho também nos países centrais (Barros, 2019).

Barros (2019) complementa afirmando que:

Uma tendencia já presente, inclusive nos países centrais, é o retorno e o crescimento da mais-valia absoluta, tanto pelo prolongamento das jornadas, como pela elevação da intensidade laboral. Junto com o crescimento da mais-valia absoluta, expande-se também a mais-valia relativa, por meio de constante introdução dos novos aparatos tecnológicos informacionais [...] (Barros, 2019, p. 44).

Neste processo, o desemprego, que é indissociável da reprodução ampliada e expansão de capital, desempenha o papel de pressionar para que os/as trabalhadores/as se submetam cada vez mais ao trabalho precário e suas condições precárias, inclusive nas relações de trabalho formais. A diminuição do preço pago pela “força de trabalho” segue os ditames da ampliação contínua da acumulação de capital. No processo de precarização do trabalho, acelera-se a redução da quantidade de trabalhadores/as no desempenho das atividades laborativas em contraponto ao aumento da intensidade e do dispêndio de energia para a realização dessas atividades. Além disso, esse processo se generaliza mundialmente, mesmo que em diferentes proporções (Barros, 2019).

Barros (2019, p. 49) aponta que, “por uma absoluta ironia intrínseca ao metabolismo do capital, seu sistema produtivo é indubitavelmente o mais dinâmico na constante modernização de seus aparatos científicos e tecnológicos, que geram o aumento da produtividade [...]”. No entanto, esse processo de revolucionar constantemente os meios de produção obedece à necessidade de

<sup>2</sup> Utilizo as aspas por entender que a força de trabalho não se separa do/da trabalhador/a, pois é em si a capacidade de desenvolver o trabalho (Marx, 1984).

<sup>3</sup> O valor necessário para a reprodução da “força de trabalho” determina o preço pago por esta (Marx, 1984), se as condições para a sua reprodução são “naturalmente” precárias, o preço pago pela “força de trabalho” também acompanha a tendência.

acumulação de capital, o que na contemporaneidade segue adensando o aumento dos índices de desemprego e a elevação dos níveis de exploração.

Para Antunes (2023, p. 15), “há algumas décadas, o capitalismo, sob condução financeira, vem se desenvolvendo de forma que a produtividade do capital se valorize sempre em seu ponto de ápice [...]”. A introdução de um maquinário informacional-digital avançado faz parte do processo para atender a essa finalidade. Esse maquinário é introduzido principalmente em conciliação com a expansão do setor de serviços, que embora não corresponda à produção material, possibilita a ampliação de novas formas geradoras de mais-valia. Assim, é importante destacar que a esfera da produção não se efetiva sem a circulação e que a produção capitalista é essencialmente produção de mais-valor.

As plataformas digitais assumiram o papel de grandes corporações globais que também detêm a infraestrutura da sociedade. Esse potencial monopolista das plataformas digitais no conjunto da economia global vem sendo chamado de capitalismo de plataforma, por ser considerada uma fase informacional-digital-financeira do capitalismo, na qual o sistema depende do uso intensificado das plataformas digitais (Antunes, 2023).

Enquanto há uma contínua ampliação das formas precárias, ocorre paralelamente uma heterogeneização das atividades laborativas por meio da expansão das tecnologias de informação e comunicação. Ocorrem mudanças nas estruturas e nos processos produtivos, que se manifestam como a fragmentação do processo produtivo, a aceleração do ciclo de valorização das mercadorias e a redução da concentração física de trabalhadores/as, o que favorece a individualização das relações e dos contratos de trabalho (Antunes, 2023).

No entanto, essa "digitalização" do trabalho e da economia iniciou enquanto um processo nas décadas de 1980-1990, com experiências como a informatização do setor industrial, a conectividade total e a Indústria 4.0 (Antunes, 2023). As novas formas de controle, gerenciamento e organização do trabalho, ao qual popularmente chamamos de trabalho uberizado, não iniciaram em si com a empresa Uber e nem se restringem a ela, mas esta foi emblematicamente reconhecida como um grande exemplo da atual tendência global (Abílio, 2020).

## **2. Plataformas digitais e trabalho uberizado**

Em tempos de capitalismo de plataforma, a relação entre as precárias condições de trabalho capitaneadas pelas novas formas de controle, gerenciamento e organização do trabalho



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

por meio das plataformas é entendida como trabalho uberizado, fazendo referência à empresa-plataforma Uber, compreendida como uma prestadora de serviços de transporte de pessoas e mercadorias (Antunes, 2023).

A Uber nasceu em junho de 2010, na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. A empresa foi fundada por Travis Kalanick, que afirmou que seu objetivo era ter a facilidade de apertar um botão e conseguir viajar com luxo e qualidade. Desde o início, a empresa-plataforma se anunciou no mercado enquanto uma empresa de tecnologia que cria oportunidades ao colocar o mundo em movimento, tendo como principal slogan “o motorista privado de todo o mundo” (Antunes, 2023; Slee, 2017).

Os serviços da Uber inicialmente eram focados no transporte de pessoas em carros de luxo, conforme ressalta Slee (2017):

A Uber começou como um serviço de carros de luxo. Os consumidores pediam um veículo pelo aplicativo e motoristas de empresas de serviços de limusine respondiam. O pagamento era feito em cartão de crédito e os consumidores amavam o serviço, a ponto de pagar a taxa que a Uber cobrava em cima dos fornecedores de carros de luxo [...] (Slee, 2017, p. 112).

Rapidamente, a Uber expandiu seu portfólio com o lançamento do serviço uberX, de onde parte seu lucro massivo. O serviço é apoiado em motoristas não licenciados, que utilizam seus próprios carros e celulares e assumem as despesas e manutenções de seus veículos, alimentação e limpeza. Sua expansão e presença pelo mundo também foram rápidas; em janeiro de 2013, a Uber tinha um total de menos de 10 mil motoristas, o que saltou para mais de 150 mil apenas dois anos depois. Em agosto de 2015, a empresa-plataforma já estava atuando em quase 450 cidades em 60 países. Atualmente, a Uber presta serviços de transporte de pessoas e mercadorias por meio de uma variedade de meios de transporte, que variam principalmente entre carros, motos e bicicletas (Slee, 2017).

O termo uberização faz referência à notoriedade que esta empresa-aplicativo deu ao consolidar, diante das novas formas de controle, gerenciamento e organização do trabalho, a redução dos/das trabalhadores/as a trabalhadores/as *just-in-time*. Abílio (2020, p. 112) caracteriza o/a trabalhador/a *just-in-time* como “[...] autogerente subordinado, que arca com os riscos e custos de sua própria produção, sendo utilizado na exata medida das demandas do mercado [...]”. A autora complementa ressaltando que na contemporaneidade:

[...] assistimos a uma mudança nas concepções de dignidade, direitos e justiça social, visto que as medidas protetivas do trabalho estão desaparecendo. Não se trata apenas de mais um passo na eliminação de direitos: trata-se da redução do trabalhador a um fator de produção que deve ser utilizado na exata medida das demandas do capital; além disso,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

trata-se de uma vitória na busca permanente pela eliminação dos poros do trabalho. Ainda pior, o uso na exata medida já não requer predefinições contratuais: o trabalhador *just-in-time* desafia as categorias do que é e do que não é tempo de trabalho, complicando o que poderia ser uma configuração contemporânea da remuneração por peça [...] (Abílio, 2020, p. 112).

Para Antunes (2023), as jornadas de trabalho dos/das trabalhadores/as uberizados/as remetem aos primórdios da Revolução Industrial, agora gerenciadas pelo algoritmo como um novo fetiche do mundo empresarial, que passou a ditar os ritmos e tempos do capital. Abílio (2020) considera que, embora as empresas-plataformas se apresentem apenas como mediadoras da oferta e da procura, são elas que detêm total controle e gerenciamento do trabalho, além de definirem o valor do trabalho referente a cada serviço prestado. Esse processo ainda incorpora a atual tendência de vigilância, que é incluir o/a consumidor/a como uma figura ativa no gerenciamento e controle do trabalho.

Em um relato de experiência com perspectiva etnográfica, Gonsales (2023) teve uma importante contribuição para a compreensão dessa realidade. O autor trabalhou como entregador de comida por aplicativo no ano de 2021, durante 12 dias, 4 horas por dia, utilizando a bicicleta como meio de transporte. Relatando suas primeiras impressões, o autor pontua sobre a facilidade do cadastro no aplicativo, sendo comum a ausência de seleção do/da trabalhador/a, inclusive como uma forma de captação destes/as. Em contraponto, a parte mais difícil foi “trabalhar o aplicativo”, ou seja, o processo de melhorar o ranqueamento. Outro ponto importante dessas primeiras impressões foi que nenhuma empresa-plataforma trabalhada forneceu equipamentos para proteção individual contra a COVID-19, e algumas chegavam a lucrar também com a venda de outros equipamentos necessários para a realização do trabalho.

Gonsales (2023) retomou o relato sobre o ranqueamento, demonstrando o quão automatizado é o processo de trabalho e como o algoritmo gerencia o processo. As empresas-plataformas exigem muito tempo disponível para o trabalho, pois a demanda não é contínua e os/as trabalhadores/as enfrentam a sazonalidade, o tempo, o trânsito e outras adversidades. Com isso, se desfaz o mito de uma flexibilidade para trabalhar com várias plataformas, pois, embora uma plataforma limite o tempo de trabalho para 12 horas diárias e o/a trabalhador/a possa iniciar a jornada em outra plataforma por outras incansáveis horas, o processo de ranqueamento demanda que este/a trabalhador/a se dedique mais a uma única plataforma, para construir sua “carreira e reputação”.

Para Gonsales (2023), o que ocorre nesse processo de ranqueamento é uma gamificação, termo que se refere aos *games* (jogos), pois são utilizadas estratégias que também



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

são utilizadas em jogos para manter as pessoas jogando. Existem classificações para os/as trabalhadores/as, mas também existe uma série de recompensas para que estes/as enfrentem as adversidades do cotidiano do trabalho, como, por exemplo, a oferta de um valor maior para que trabalhem em dias de chuva ou gratificações pela adesão de amigos/as convidados/as para trabalhar na plataforma. Por fim, o autor relatou que o início do trabalho nas empresas-plataformas demanda gastos que muitas vezes geram prejuízos diante da soma do valor pago por entrega.

Ao discorrer sobre a produção de mais-valia no setor de serviços, Gonsales (2023) afirmou que:

[...] alguns setores, principalmente aqueles em que predominam os serviços, também denominados setores estagnados, encontram maiores dificuldades do que o setor industrial - progressivos - para, através da tecnologia, revolucionar a suas forças produtivas em busca de mais-valor em sua forma relativa. "Os serviços desfaiam as tentativas dos empresários de 'subsumirem' esses processos de trabalho de maneira semelhante à racionalização da manufatura ao longo do século XX". Existe uma relação direta entre consumidores(as) e trabalhadores(as), como acontece nos setores de transporte, saúde, manutenção, educação, arte, entre outros. O que se vende não é uma mercadoria do tipo produto, mas o processo de produção. Nesses casos, substituir trabalhadores(as) por máquinas e/ou alterar as combinações sociais do trabalho não permite aos(às) capitalistas obterem os mesmos ganhos de produtividade que normalmente se consegue em outros setores. A unidade do processo de trabalho, em muitos serviços, "permanece relativamente intacta, imune à divisão do trabalho altamente especializada característica das indústrias de capital intensivo, como a fabricação de automóveis" (Gonsales, 2023, p. 67).

No caso dos aplicativos, comumente há uma maior produção de mais-valia relativa, mas o ganho de produtividade é atrelado de forma absoluta à força de trabalho. As tecnologias permitem a ampliação da capacidade de organização do trabalho, mas não ampliam as capacidades humanas, o que demanda um prolongamento da jornada de trabalho e produção de mais-valia absoluta (Gonsales, 2023). Essa foi uma das questões desenvolvidas como uma das teses de Antunes (2023) sobre o capitalismo de plataforma e a recuperação de formas pretéritas de trabalho referentes a uma "protoforma do capitalismo".

Este breve resumo aponta apenas alguns traços marcantes sobre o trabalho uberizado, pois esse se apresenta como uma tendência global que atinge diversas ocupações. A inovação tecnológica manifesta nas plataformas e no algoritmo é desdobramento de processos que se gestam no mundo do trabalho há décadas, próprios da precariedade do trabalho e da acumulação ampliada do capital, mas objetivamente intensificado com o processo de precarização do trabalho (Abílio, 2020).

Para Antunes (2023), a Pandemia da COVID-19 serviu de laboratório para generalização e naturalização do trabalho uberizado; houve um aumento do teletrabalho e do *home office* e,

consequentemente, uma fusão entre o tempo de vida e o tempo de trabalho. Esse movimento foi perceptível até nos anúncios que demandavam que trabalhadores/as tivessem determinadas qualidades referentes a uma completa submissão ao trabalho e ao ideário do empreendedorismo, mistificando as relações de trabalho como relações de parceria ou colaboração. Porém, enquanto amplia-se a parcela da classe trabalhadora disponível para longas jornadas de trabalho, para outra parcela o trabalho se torna cada vez mais esporádico. Assim, surgem novas modalidades de trabalho como o *self-employment* para preencher o subemprego e também novas profissões como o *coaching*. É nesse cenário de trabalho precarizado e barbarização da vida que aumenta os adoecimentos, acidentes e mortes.

### **3. Empreendedorismo, mistificação do trabalho e as particularidades da classe**

Além da materialidade do trabalho, o trabalho uberizado é fortemente associado ao neoliberalismo, fazendo com que o/a trabalhador/a transite constantemente entre ocupações formais e informais, compondo uma trajetória de ausência de identidade profissional e completa desproteção quanto aos direitos (Abílio, 2020). As características da informalidade estão presentes em muitas formas atuais de trabalho, e assim são criadas estratégias para seu ocultamento, fazendo com que a ideologia do empreendedorismo se sobressaia como uma total esperteza do capital (Tavares, 2023).

Para Tavares (2023), o capital muda de opinião de acordo com suas crises, não sendo incomum que o atrasado vire moderno, como ocorreu com o trabalho informal. Porém, essa viragem requer ajustes aos quais a ideologia exerce papel fundamental. Na contemporaneidade do processo de precarização do trabalho, a informalidade, que antes era vista como atraso, foi preservada e ampliada como uma aparência de trabalho autônomo, porém gerador de mais-valia. Os/as trabalhadores/as se tornaram responsáveis pela criação do seu próprio emprego, aprofundando o mito de que capitalista e trabalhador/a são igualmente agentes econômicos em uma relação de compra e venda.

As novidades na esfera da economia são acompanhadas de discursos que vendem a ideia da novidade como uma superação do que vai se configurando como velharia. Atualmente, a novidade é ser autônomo/a, empreendedor/a, patrão/oa, mas ser patrão/oa não é igual a ser capitalista. A ilusão do patronato não altera as classes fundamentais da sociedade; ou é trabalhador/a ou é capitalista. O que ocorre é que a maioria dos/das empreendedores/as



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

trabalham para o capital, sob jornadas extensas e sem proteção social, favorecendo o/a capitalista com a redução do custo da produção e isenção das reivindicações trabalhistas (Tavares, 2023).

A ideologia do empreendedorismo promove a aceitação do trabalho uberizado/precarizado, pois a exploração da mais-valia continua a ser fundamental à produção de riquezas, e o desenvolvimento significa também o desenvolvimento de novas formas de exploração de trabalhadores/as mediante todo um repertório de desumanização mobilizado de acordo com as possibilidades vigentes para exploração. Para Tavares (2023), trabalhadores/as convencidos das vantagens do empreendedorismo não resistiriam a um emprego formal com direito à proteção social e condições de existência menos desumanas, pois a opção pela informalidade ocorre mediante a falta de alternativa.

Em meio à destruição dos direitos sociais, das políticas sociais, à informalidade e à ideologia do empreendedorismo, ocorre a assistencialização das políticas sociais, com o abandono da perspectiva universalista em favor de uma abordagem focalizada na pobreza (Silva, 2010). Quando se trata da análise da Política de Assistência Social, Pereira (1996) fala sobre uma desassistencialização ou residualização, justificadas pela tendência de reduzir a Política de Assistência Social aos Programas de Transferência Condicionada de Renda (PTCRs), muitas vezes intermediados por bancos para sua efetivação. Fica evidente que esse processo também afeta as categorias profissionais que atuam no âmbito dessas políticas, atingindo duplamente, tanto nos vínculos de trabalho quanto na autonomia do exercício profissional.

Outro aspecto importante a ser considerado são as particularidades da classe trabalhadora. Em países que não possuem uma política consolidada de acesso e formação em tecnologia, e onde o etarismo opera discriminações entre aqueles que são considerados aptos para o trabalho e aqueles que não são, a idade dos trabalhadores/as é determinante quanto às funções que eles/as podem exercer. Entre as várias possibilidades de análise, o teletrabalho e o *home office* são aspectos que merecem atenção devido à sobrecarga das jornadas de trabalho das mulheres, uma vez que o ambiente doméstico se torna também o ambiente de trabalho e os papéis de gênero tradicionalmente relegam as responsabilidades domésticas e de cuidados com a família às mulheres (Antunes, 2023).

Oliveira (2021), com base na Teoria Marxista da Dependência (TMD), chama a atenção para a desterritorialização da produção, que, além de transformar os países dependentes na principal fonte de matérias-primas, utiliza predominantemente o trabalho de negros/as e indígenas, empregando o racismo como uma tecnologia para estabelecer uma superexploração



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

da força de trabalho com as remunerações mais baixas possíveis. Em outros aspectos, Gonzalez (2022) já havia afirmado que, com a Ditadura Civil-Militar no Brasil, ocorreu uma inversão na relação populacional entre campo e cidade, que deixou a massa (considerando que negros/as constituem uma grande parcela desta) à serviço do projeto de crescimento econômico. Assim, a construção civil e o setor de serviços tornaram-se os maiores empregadores de trabalhadores/as negros/as, especificamente nas atividades que não exigiam um alto nível de qualificação técnica.

### **Considerações finais**

Para Abílio (2020), mesmo com o algoritmo definindo as regras do jogo, a empresa se mistificando como uma marca e o/a trabalhador/a caindo na armadilha de se considerar "parceiro/a" da empresa-plataforma, a aparente imaterialidade do/da trabalhador/a se desfaz rapidamente quando mostram seu poder de estabelecer formas coletivas de resistência e luta. A ilusão de burguês-de-si-próprio, que se efetiva como proletariado-de-si-mesmo (Antunes, 2023), vem sendo perfurada pela consciência forjada na materialidade das relações sociais.

Um exemplo dessa afirmação é que, a partir de 2016, ocorreram no mundo uma série de manifestações, greves, processos judiciais e formações de sindicatos de trabalhadores/as de aplicativos. Desde então, demanda-se um pagamento mínimo por hora de trabalho e o reconhecimento legal do vínculo empregatício. Em 2019, ocorreu a primeira greve global de motoristas da Uber, com a proposição da criação de um sindicato internacional de trabalhadores/as uberizados/as (Abílio, 2020; Antunes, 2023).

No Brasil, no dia 1º de julho de 2020, em plena pandemia, ocorreram duas greves importantes, denominadas #brequedosapps, um movimento que se espalhou por vários países da América Latina e em outras partes do mundo. As redes sociais foram utilizadas como recurso estratégico para a mobilização, e foram feitas reivindicações por melhores condições de trabalho e salário, incluindo aumento das taxas de entregas, extinção dos bloqueios de motoristas pelas plataformas, seguro contra acidentes e roubos e pagamento para trabalhadores/as contaminados/as pela COVID-19 (Antunes, 2023).

Além dessa configuração atual de luta, a resistência também se faz presente nas "sabotagens" da produção ou na manipulação do próprio algoritmo, que se alimenta da inteligência real do ser humano. A demonstração da insatisfação com o trabalho uberizado na era informacional-digital é, sem sombra de dúvidas, uma luta de classes e, embora existam tentadoras



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

armadilhas, a organização de trabalhadores/as e a luta de classes ainda é o caminho para a superação da condição desumana inerente ao capital.

## Referências

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: gerenciamento e controle do trabalhador *just-in-time*. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo; Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e (des)valor no capitalismo de plataforma: três teses sobre a nova era de desantropomorfização do trabalho. In: ANTUNES, Ricardo *et al.* (Orgs.). **Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais**. São Paulo: Boitempo, 2023.

BARROS. Albani de. **Precarização: degradação do trabalho no capitalismo contemporâneo**. Maceió: Coletivo Veredas, 2019.

GONSALES, Marco. De mochila nas costas: uma experiência etnográfica como entregador por aplicativo. In: ANTUNES, Ricardo *et al.* (Orgs.). **Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais**. São Paulo: Boitempo, 2023.

GONZALEZ, Lélia. Movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Layola, 2014.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo: etapa superior do capitalismo/ Vladimir Ilitch Lenin; apresentação: Plínio de Arruda Sampaio Júnior**. Campinas: FE/UNICAMP, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Apresentação de Jacob Gorender; coordenação e revisão de Paul Singer; tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOTA, Ana Elizabete; TAVARES, Maria Augusta. Trabalho e expropriações contemporâneas. In: MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Angela (Orgs.). **Cenários, contradições e pejejas do Serviço Social Brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. **A Assistência Social na Perspectiva dos Direitos: crítica aos padrões dominantes de proteção aos pobres no Brasil**. Brasília: Thesaurus, 1996.

SILVA, Márcia Nogueira da. Assitencialização das Políticas Sociais? breves notas sobre o debate contemporâneo. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 10, n.20, p.77-112, jul./dez. 2010.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

SLEE, Tom. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. Tradução de João Peres; Nota de de edição de Tadeu Breda e Joao Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

TAVARES, Maria Augusta. A contradição a mover-se no empreendedorismo. In: PINHEIRO, Manuella Aragão; SOUZA, Reivan Marinho de. **O trabalho na encruzilhada do tempo presente**. Maceió, Edufal, 2023.